

Erosdita Especial UFPE¹
Caio de Castro Mello SANTOS²
Alex Julio da Silva CIRNE³
Ana Maria Santiago de MIRANDA⁴
Antonio Magalhães Porto LIRA⁵
Clarissa Viana de ANDRADE⁶
Danilo Galindo FERREIRA⁷
Dyogo Victor Leandro Barbosa AMORIM⁸
Elen Taline S. de CARVALHO⁹
Giovanna Torreão DINIZ¹⁰
Jaqueline Ferreira FRAGA¹¹
Kamilla Rogge dos Reis MONTEIRO¹²
Karina Costa ALBUQUERQUE¹³
Katarina Vieira SAMPAIO¹⁴
Maria Eduarda Barbosa da SILVA¹⁵
Paula Ádala dos Passos Pereira GOMES¹⁶
Penélope Maria Pereira ARAÚJO¹⁷
Rafaela Albuquerque GONÇALVES¹⁸
Selassié de Andrade Silva JÚNIOR¹⁹
Suenia Aline de AZEVEDO²⁰
Yvana Carla Fechine de BRITO²¹

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria I - Jornalismo, modalidade JO 10 Reportagem em Telejornalismo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: caiocastromello@outlook.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: julio.cirne0@gmail.com

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: anasantiagodm@gmail.com

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: toninholira@gmail.com

⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: clarissa.viana@gmail.com

⁷ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: danilogalindoo@gmail.com

⁸ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: victorlbamorim@gmail.com

⁹ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: elen.talines@gmail.com

¹⁰ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: torreaog@gmail.com

¹¹ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: jaqueline.fraga@live.com

¹² Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: kamillarogge@gmail.com

¹³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: karinacalb@gmail.com

¹⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: katarinavieira@outlook.com

¹⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: eduardamsilva@gmail.com

¹⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: paula.gpassos@hotmail.com

¹⁷ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: penelopearaujo.19@gmail.com

¹⁸ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: rafa_buquerque@hotmail.com

¹⁹ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: selassiejunior@gmail.com

²⁰ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: sueniazevedo@live.com

²¹ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: yvanafechine@hotmail.com.

RESUMO

Por meio desta reportagem²², exibida na TV Pernambuco, produzida por alunos do 8º período do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, através da disciplina de Telecinejornalismo em parceria com o blog Erosdita, propõe-se abordar a diversidade das identidades de gênero e como são naturalizadas as violências que limitam a compreensão humana acerca de si no que diz respeito à identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Gênero; Transgênero; Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

“Uma forma primeira de significar as relações de poder”, assim, Scott (1995) conceituou gênero, termo que se refere a códigos que permeiam a formação identitária dos sujeitos em sociedade. Ao nascer, os indivíduos são categorizados de acordo com seus órgãos sexuais. Se vêm ao mundo com um pênis, são homens. Com uma vagina, mulheres. Aos homens é atribuído o gênero masculino, com todas as suas significações (modo de se vestir, agir, relacionar, etc.), às mulheres, o feminino. Viver fora desses códigos não cabe nesse modelo de sociedade, a qual, passa a considerar os tais “corpos subversivos” (BUTLER, 2002), que não se enquadram nos padrões, como abjetos, ou seja, corpos de menor importância, que perdem sua humanidade e conseqüentemente, suas possibilidades de existência.

Diante desse estigma e partindo do que é proposto por Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2004) de que a mídia tem grande poder de transformação de conteúdos simbólicos, decidiu-se que a reportagem teria como temática o “gênero e a sexualidade”, com aprofundamento na transexualidade/transgeneridade em uma proposta que vá além da abordagem midiática de marginalização constatada por Carvalho (2014) em sua pesquisa.

A produção da reportagem partiu, inicialmente, de um estudo sobre as questões de gênero, com uma revisão bibliográfica dos textos de Johan Scott, Guacira Lopes Louro e

²² Reportagem completa disponível em: bloco 1: <<https://goo.gl/29V1cO>> bloco 2: <<https://goo.gl/RTh5W7>> bloco 3: <<https://goo.gl/11i0jJ>>

Judith Butler. A partir das abordagens das autoras, a equipe discutiu conceitos que perpassam os temas de identidade de gênero e sexualidade, humanizado na pessoa transexual para a produção da série.

2 OBJETIVO

Geral: Colaborar em uma nova maneira de abordar as questões de gênero e sexualidade na mídia, trazendo a atenção dos espectadores para os vários gêneros existentes, além da divisão binária tradicional em masculino e feminino.

Específicos:

- Abordar os vários aspectos da vivência transgênera, como vivem e são percebidos pela sociedade.
- Trabalhar o conceito de transmídia, através de materiais extras produzidos pelos alunos para o blog Erosdita.

3 JUSTIFICATIVA

Os debates parlamentares (municipais, estaduais e federais) nos últimos meses tem se acalorado em relação às políticas de educação para a promoção da igualdade sexual e de gênero nas escolas. No ano de 2014, o assunto ganhou proporção devido aos vetos ocorridos no Plano Nacional de Educação.

De acordo com o relatório do Mapa da Violência publicado²³ em 2015, o Brasil está em 5º lugar no número de mulheres assassinadas em 2013, dentre os 83 país pesquisados. Dados ainda do levantamento mostram que no Brasil, no mesmo ano, foram assassinadas 1.576 mulheres brancas e 2.875 negras. Na análise de dados por agressores, constatou-se que, em 2014, 34% das mulheres adultas (entre 30 e 59 anos) foram vítimas de seus cônjuges. A reincidência dos casos de agressão foi de 54%.

²³ Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 12/05/2016.

Em relatório anual de 2014 publicado²⁴ pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), relativo ao assassinato da comunidade LGBT no Brasil em 2013, apontou-se para a região Nordeste como a mais homofóbica, na qual se concentram 43% das mortes do país nesse período. Em seguida aparece o Sudeste e o Sul que registraram, juntos, 35%. O estado de Pernambuco encontra-se no relatório com o maior número de assassinatos de membros da comunidade LGBT em 2013, 34 no total. Os dados do relatório, no entanto, englobam gays, lésbicas, bissexuais e trans*²⁵.

Frente a esse contexto de violência, as mídias tem se mostrado como um meio de reiteração de preconceitos pautados por um jornalismo que visa à criminalização das pessoas trans* e o impedimento de que outras identidades que permeiam a subjetividade humana sejam retratadas. Como mostra Bruno Robson em sua pesquisa intitulada “Tá pensando que travesti é bagunça? Repertórios sobre travestilidade, em contextos de criminalidade, por jornais de Pernambuco”²⁶, a travestilidade é uma identidade de gênero frequentemente construída pelo jornalismo em contextos de violência:

Nas notícias, vimos travestilidades sendo construídas num contexto de criminalidade. Uma primeira dimensão da construção esteve ligada ao pouco noticiamento dos casos. Esta escassez foi vista como refletindo e reiterando a ininteligibilidade das travestis. (CARVALHO, 2014, p.75).

Mais ainda, Erosdita Especial UFPE baseou-se numa necessidade apontada por Louro (2001) de contribuir para a construção de uma nova forma de abordagem para a questão das identidades de gênero, que fosse além dos binarismos entre masculino e feminino, e ampliasse a visão dos leitores em relação às múltiplas formas de existência. A partir dos estudos de Butler (2002), em oposição ao dualismo expresso nas formas como o gênero se constitui no senso-comum, a Teoria Queer (BUTLER, 2002) abre a possibilidade para as diferenças, colocando-se contra as normatividades.

²⁴ Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em 12/05/2016.

²⁵ O termo trans* acompanha um asterisco como um “termo guarda-chuva”, por significar a abrangência de diversas performances de gênero que fujam do padrão cisgênero.

²⁶ Disponível em <<http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/handle/123456789/10286>>. Acesso em 13/05/2016.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir do proposto pela disciplina de Telecinejornalismo, além da produção da reportagem, exibida pela TV Pernambuco, a professora Yvana Fechine trabalhou o conceito de transmídia. Foram produzidas pelos alunos oito (8) matérias para serem veiculadas no Blog Erosdita²⁷, administrado pela jornalista Julieta Jacob. Seguem os títulos:

1. Carnaval é coisa séria: blocos feministas se articulam para debater questões políticas em meio à festa.
2. Gênero nas escolas: polêmicas e divergências políticas travam avanços da discussão no país.
3. Conheça transexuais que viraram estrelas de propagandas e ganharam espaço na mídia.
4. O mundo rosa e azul: debater gênero é urgente.
5. Instituições adotam políticas de respeito ao nome social, mas transexuais ainda enfrentam problemas para terem identidade reconhecida.
6. 18 textos essenciais para estudos e pesquisas sobre gênero e sexualidade. Para ler e baixar!
7. Em Pernambuco, travestis e transexuais contam com o apoio da Amotrans. Conheça o trabalho da instituição.
8. Assista! Programa especial sobre questões de gênero e diversidade sexual feito por estudantes de jornalismo da UFPE.

Essa iniciativa partiu das novas formas de produção de conteúdo jornalístico, pautadas pela convergência entre múltiplas plataformas e nas narrativas transmídia. De acordo com Jenkins (2006) entende-se como convergência o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre os vários setores de mídia e o

²⁷ Disponível em < <http://erosdita.ne10.uol.com.br/categoria/blog/especial-ufpe/>>. Acesso em 12/05/2016.

comportamento migratório das audiências de mídia que vão em qualquer lugar em busca dos tipos de experiências de entretenimento que eles querem²⁸”.

Ao final de cada bloco, a apresentadora convida os telespectadores a visitarem o Blog para lerem os conteúdos adicionais. A importância dessa estratégia transmídia é de expandir as possibilidades de acesso aos conteúdos e formas de consumo de mídia. De acordo com dados do dia 6 de março de 2016, a postagem “18 textos essenciais para estudos e pesquisas sobre gênero e sexualidade. Para ler e baixar!”²⁹ teve 47 mil compartilhamentos na web. Para Fachine (2014) a estratégia de expansão consiste na

complementaridade entre elementos e programas narrativos interdependentes, mas dotados de sentido em si mesmos. Há, portanto, uma organicidade entre os conteúdos postos em circulação e disponíveis para acesso dos agentes criativos (consumidores). Essa interdependência e organicidade entre os eventos distribuídos entre os diferentes meios é o que nos permite enxergar o conjunto como um tipo particular de narrativa que investe na integração entre meios para propor aprofundamentos a partir dessa distribuição articulada de conteúdos. (Fachine, 2014, p.3).

Para a execução do projeto, a turma foi dividida em grupos (de A a G), cujas funções foram determinadas pela elaboração do cronograma abaixo:

Tabela 1 – Plano da disciplina de Telecinejornalismo

Grupos	28/4 Ter	29/4 Qua	5/05 Ter	6/05 Qua	12/5 Ter	13/5 Qua	19/5 Ter	20/5 Qua	21/5 Quin	22/5 sex	26/5 Ter	27/6 Qua	28/5 Quin	29/5 Sex.	02/6 Ter	03/6 Qua	16/6 Ter	17/6 Qua	30/6 Ter	01/7 Qua	7/7 Ter	8/7 Qua
A	G	G	R	R	E	E		A1	-	-	A2/ A3	A4	-	-	-	-	-	-	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.
B	A1 Or.	A2 Or.	G	G	R	R	E	E	-	-	A3	A4	-	-	-	-	-	-	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.
C	A1	A2	A3 Or.	- Or.	G	G	R	R	-	-	E	E	-	-	-	A4	-	-	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.
D	A1	A2	A3	-	Or.	Or.	G	G	-	-	R	R	-	-	E	E	-	A4	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.
E	A1	A2	A3	-	Or.	Or.			G	G	R	R	-	-	E	E	-	A4	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.
F	A1	A2	A3	-	-	-	Or.	Or.	-	-	G	G	-	-	R	R/A4	E	E	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.
G	A1	A2	A3	-	-	-		Or.			-	-	G	G	R	A4/R	E	E	Fech.	Fech.	Aval.	Aval.

Legenda: A1= Atividade complementar 1 • A2= Atividade complementar 2 • A3= Atividade complementar 3 • A4= Atividade complementar 4 • Or.= Orientação para gravação • G = Gravação • R= Discussão, correção e fechamento do roteiro • E = Edição • Fech: Fechamentos e pendências. Finalização da série (inserção de tarjas/créditos/vinhetas). • Aval. = Exibição e análise coletiva dos VTs produzidos/ retorno dos exercícios e atividades complementares realizados. • Pos = Trabalho de pós-produção (criação e produção de vinheta, tarjas).

²⁸ Tradução livre do autor de “by convergence, I mean the flow of content across multiple media platforms, the cooperation between multiple media industries, and the migratory behavior of media audiences who will go almost anywhere in search of the kinds of entertainment experiences they want”.

²⁹ Disponível em <<http://erosdata.ne10.uol.com.br/2015/10/18-textos-essenciais-para-estudos-e-pesquisas-sobre-genero-e-sexualidade-para-ler-e-baixar/>>. Acesso em 06/03/2016.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem foi produzida com a câmera do modelo Sony Xdcam Ex, no formato Full HD (1920x1080). O áudio foi gravado em 2 canais estéreo (Taxa de bits: 256 kbps). Os cinegrafistas do Laboratório de Imagem e Som (LIS) do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco responsáveis pelas gravações foram Nildo Ferreira e Tião Possidônio. A edição foi realizada pelo técnico Carlos Alberto Farias e Paulo Sano. A pós-produção é de Hugo Lana.

VT1 – O que é Gênero?

Esse VT buscou mostrar como a sociedade interpreta o desempenho dos papéis de cada gênero e como a identidade de gênero é construída, para esse fim foram realizadas entrevistas com estudiosos de gênero e comportamento que explicam como a identidade de gênero é construída e quais fatores sociais são determinantes para esse tipo de construção. Também existe um texto complementar no *erosdita.com* que contém indicações de textos que aprofundam os conteúdos e ideias discutidos no vídeo.

VT2 – Transexualidade

Esse VT traz entrevistas com a funcionária pública Fabiana Moraes e a Presidente da *Amotrans* Chopelly Santos, duas mulheres transexuais que falam sobre a transexualidade, respeito e a luta pelos direitos das transexuais. No *erosdita.com* há um texto complementar sobre a atuação da *Amotrans* presidida por Chopelly.

VT3- Direitos da População LGBT

Os direitos da população LGBT, principalmente das pessoas transexuais são discutidos nesse VT em que o promotor do MPPE Maxuel Vignoli fala sobre esses direitos e também sobre a criação de políticas públicas de combate à violência de gênero.

VT4- Transgenitalização

O procedimento cirúrgico de mudança de sexo (Transgenitalização) é o tema desse VT que discute a importância desse processo para as pessoas trans* e quais os procedimentos adotados antes de sua realização no Hospital das Clínicas (HC) da UFPE, único hospital do Nordeste credenciado pelo SUS para a realização desse tipo de procedimento. O vídeo mostra a história de Sara, mulher trans* que estava prestes a realizar a cirurgia de transgenitalização.

VT5- Igualdade de Gênero na Educação

O VT aborda como a questão da igualdade de gênero pode ser discutida dentro das escolas e como uma educação não sexista é um caminho para que a igualdade de gênero seja alcançada.

VT6- Mídia e diversidade Sexual

O vídeo traz entrevistas com as professoras Ana Veloso e Soraya Barreto do Departamento de Comunicação da UFPE em que elas discutem o papel da mídia na formação da identidade de gênero e na propagação de estereótipos nos produtos midiáticos que contribuem para que a diversidade de gênero seja pouco aceita pela sociedade.

VT7- Lutas contra violência de gênero

O vídeo traz dados sobre a violência de gênero e como o combate a esse tipo de violência estimulou a criação de coletivos e blocos carnavalescos que realizam ações como a marcha das vadias por exemplo para conscientizar a população da opressão sofrida por esses grupos.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção da reportagem traz à tona parte da pluralidade que envolve as identidades de gênero. Através de suas personagens, observou-se a desconstrução de categorias pré-definidas de gênero em busca de um olhar não binário (além do masculino e feminino) para a subjetivação dos sujeitos. Permeada pela evolução do pensamento das teorias de gênero da segunda metade do século XX e XXI, a série traz a temática de gênero e sexualidade humanizada nos transexuais, contemplando assuntos relacionados a esse tema que ainda não são devidamente explorados pela mídia tais como direitos e representação, transformação corporal e educação.

Espera-se que o produto contribua para um jornalismo voltado aos Direitos Humanos, baseado na promoção da dignidade e do respeito à pessoa humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge (Taylor & Francis e-Library edition). 2002.

CARVALHO, B. **Tá pensando que travesti é bagunça?** Repertórios sobre travestilidade, em contextos de criminalidade, por jornais de Pernambuco. Dissertação. Recife, p. 75. 2014.

ECO, U. **Enredo e casualidade**: Estruturas estéticas da transmissão direta. In: *Obra aberta*, trad. port. Giovanni Cutolo, 8a ed., São Paulo: Perspectiva. 1991.

FECHINE, Y. **Transmídiação e Cultura Participativa**: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas. Compós, Belém. 2014.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil**. 2014. Disponível em < <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2015.

JENKINS, H. **Convergence culture**: where old and new media collide [e-book]. New York: New York University, 2006.

LOURO, G. L. **Teoria Queer**: Uma Política Pós-identitária Para a Educação. In: *Estudos Feministas*, 2001.

MEDRADO, B. **Textos em cena**: a mídia como prática discursiva. In.: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, A. **Os gêneros televisuais e o diálogo**. In: *A televisão levada a sério*. São Paulo, Senac. 2000.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 1995.